

## TYTÂN FI VÃSÂN RIKE HAN - LUTE COMO UMA MULHER INDÍGENA<sup>1</sup>

*Flávia Gisele Nascimento<sup>2</sup>*

*Camila Mig Sá dos Santos da Silva<sup>3</sup>*

Esta entrevista apresenta a trajetória da Camila MigSá, mulher Kanhgág do clã Kamé de 35 anos, que vem desenvolvendo diversas ações de retomada, como colaboradora da Mídia Índia Oficial; participando das exposições “Véxoa: Nós sabemos” realizada em 2020, na Pinacoteca de São Paulo, “Retomada da Imagem” e “Mejtere: histórias recontadas” no Museu Paranaense, em 2021 e 2023; atuando no projeto PutaPeita, a qual apresenta um pouco da sua biografia e o preconceito sofrido pelos povos indígenas; participando de diversas manifestações na cidade de Curitiba e Brasília; dentre outras atividades. O encontro que oportunizou este diálogo foi realizado no dia 24 de março de 2022, na Universidade Federal do Paraná, no campus Agrárias, na cidade de Curitiba.

Trago um esboço deste momento compartilhado e observo que as mulheres indígenas, em geral, sofrem duas ou mais exclusões sócio políticas. Por isso, a importância de criar espaços de escuta, como essa conversa, que mostra uma outra perspectiva do feminismo, além das histórias de uma mulher indígena que vem lutando junto com os povos indígenas pela demarcação de terra, pela natureza, pela vida.

**Entrevistadora:** Camila, você poderia contar um pouco da sua trajetória, das suas memórias e das lutas do seu povo.

**Entrevistada:** A minha memória de infância é a minha mãe trabalhando em casa de família, ela saiu em 1979 da aldeia dela de origem, que é a terra indígena de Mangueirinha, no Sudoeste do Paraná,

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida pela Camila MigSá, mãe de dois filhos, uma das lideranças indígenas da aldeia Kakané Porã, etnocomunicadora, artista, ativista e estudante do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. Contato: [https://www.instagram.com/camila\\_knhg\\_dos\\_santos/](https://www.instagram.com/camila_knhg_dos_santos/)

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação da Universidade Federal do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa Rizoma: Laboratório de Pesquisa em Filosofia da Diferença e Arte Educação da UFPR. E-mail: [flaviagisele51@yahoo.com.br](mailto:flaviagisele51@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Licencianda em Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do projeto de extensão “Ecologia de Saberes com os Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná” – UFPR. E-mail: [kemilicg@gmail.com](mailto:kemilicg@gmail.com)

onde tem a maior reserva de Araucária. Eu iria falar da América Latina, mas é do mundo. Minha mãe veio trabalhar de empregada doméstica, ela migrou para um território indígena em Santa Catarina, que é a cidade de Xanxerê, lá conheceu o meu pai e teve um relacionamento breve, pois nunca se ligou nesse negócio de casar e tal. Ela foi embora, retornou para Curitiba, veio trabalhar em uma casa de família, grávida. Naquela época, ela morava ali perto do Extra, atrás daquela maternidade de Curitiba. Os patrões dela trabalhavam ali, então, nasci ali, naquela maternidade. Uma das primeiras memórias que tenho sou eu indo para a escola, mas não tínhamos casa. Sempre tínhamos um quartinho ou uma peça afastada, mais para trás da casa de onde ela trabalhava, dos patrões, ou um quartinho mesmo. E morávamos ali, no quartinho da empregada, muitas casas tinham. Morávamos ali e sempre estudei em escola de rede pública, era a mais próxima que tinha. Lembro que no dia 19 de abril os professores faziam aqueles cocarinhos de papel, colocavam em todas as crianças e faziam aquele barulho com a boca. Eu ficava assim: sou indígena, mas não tenho muita noção do que é ser indígena ou o porquê que a professora faz isso. Porque, nas férias, a minha mãe me levava para o território, em Mangueirinha. Lá era um outro lado do mundo que eu enxergava, lembro que minha mãe levava uma lata de farinha Láctea, que eu gostava muito de comer e tirava o leite da vaca na hora, para comer com essa farinha. Tenho muito essa memória. Acho que até hoje, quando sinto cheiro de farinha Láctea, lembro disso. Eu nem sabia o que era um cocho. E vi a vaca vir beber água no cocho. Porque eu vivia em um outro mundo paralelo, não é? Na cidade. Apesar de ser criança, tinha consciência que eu estava vivendo ali, comendo do bom e do melhor, estava me vestindo bem, não estava passando necessidade, mas eu tinha consciência que aquele mundo não era meu. Sabe como se eu tivesse emprestado ali? Estou sendo bem atendida, bem assistida, mas não sou 100% acolhida. Porque sabemos. Quer dizer, minha mãe sempre teve bons patrões que me consideravam, me levavam no mercado, gostavam de fazer a feira comigo, viajávamos para a praia, mas eu tinha consciência que aquele espaço não era meu, era deles. E sentia falta de uma casa nossa, de um quarto meu, tanto é que eu sempre dormi com minha mãe. Porque depois, passado isso, fui crescendo e minha mãe falou: "Primeiro, alugarei uma peça". Alugou uma peça, que era uma peça inteira e você dividia com os móveis, que minha mãe conseguiu comprar, um guarda-roupa, uma pia, um fogão e uma cama de casal. Era isso. E, depois, ela começou a alugar... Já tinha uma cozinha, um quarto, um banheiro e uma área. Então, sempre morávamos em casa pequena. Lembro também quando era criança, até depois de grande, eu não tinha o costume de levar as pessoas na minha casa. Primeiro, porque a casa não era nossa, então, quando tinha trabalho da escola, eu sempre fazia na casa dos meus colegas. Eles nunca vinham. Ou, quando eles vinham,

lembro que tinha cruzado com uma menina na rua, ela só vinha no portão me chamar, não entrava. Com 16, 17 anos, comecei a transitar sozinha no centro de Curitiba. Moramos por anos no bairro de Vila Isabel em Santa Quitéria, comecei a andar na rua XV e perceber que tinham alguns indígenas vendendo artesanato. Um dia passei e um deles me reconheceu. Chamaram-me para conversar. Meu primo falou assim: "Olha, estamos em uma retomada lá no Cambuí", isso em 2004. Você gostaria de participar?". Mas, eu nem sabia o que era retomada. Nem sabia o que era território, não sabia porque eu nunca tinha vivido em uma aldeia, só tinha aquele conhecimento de ir nas férias. Na minha cabeça, tinha um negócio muito do interior e um espaço que não tinha limite, era totalmente diverso do que vivíamos aqui. Não pode ir aí, não pode mexer nisso, não pode. Aqui tinha todo um limite, lá não tinha. E fui. Minha mãe ficou trabalhando na casa de família, mas tínhamos nossa casa alugada e fui morar primeiro com minha prima, depois morei com outra prima. E tinha um espaço do Cambuí que era uma construção e não tinha cobertura. Lembro que minha mãe trabalhou, eu trabalhei, juntamos, conseguimos comprar a fiação para ligar a luz e comprar os eternit para forrar e nos mudarmos para aquele espaço. Aí era uma peça comprida também, dividimos quarto, sala e cozinha. E, posteriormente, tive minha filha e o meu primo, que era o cacique na época, trocou de casa comigo, falou: "Morarei na sua casa, você vem morar na minha porque a minha casa tem banheiro". Eu tive um parto de cesárea e lá era bem complicado, no Cambuí. Tive que lavar a cesárea de pé, na bacia, encher de alho a casa porque morava bem no meio do mato. Era uma das últimas construções e ficava pirando com a cobra. A cobra virá mamar em mim. Meu Deus. Enchi de alho, tampei todos os buracos, tudo. E trocamos de casa, falou: "Vá para lá, que lá tem banheiro". Comecei a participar dessas reuniões com ele, comecei a ler mais, me interessar mais no que era demarcação de território e retomada de território. Logo quando cheguei lá, já aprendi a fazer o artesanato, tirar a taquara, instalar taquara, trançar a taquara e foi isso o que me salvou, porque, como morávamos em uma área perto da avenida, era difícil pegar o ônibus, para descer, era tudo difícil. O mercado era longe, uns 4 km e não tinha Uber, então íamos a pé, era na raça mesmo. Lembro que quando cheguei, fui morar lá em 2005, vieram umas famílias de outros lugares também e acolhemos essas famílias. E tinha um professor, um casal, que era da aldeia de Xanxerê, a mesma aldeia de onde meu pai era. Ele era falante da língua, professor de Kaingang e trabalhava naquele tempo na FUNAI, não sei se ele ainda está lá. Mas, ele me deu um livro que ajudou a fazer com a Úrsula Gojtéj, o Dicionário Kaingang. Peguei esse livro, comecei a folhear e o professor Ivo começou a dar aulas. A primeira coisa que fiz foi aprender a escrever, para depois aprender a ler e conseguir falar. Mas, falar é difícil, tem que estar convivendo muito. Começamos a receber pessoas do

Rio das Cobras e outras aldeias, eles eram falantes. Comigo, eles só falavam na língua, sabe? Às vezes, posso não falar, como esse meu primo que está aí. A mãe fica olhando, porque ela não lembra muito ou o meu marido, que não sabe. Eles ficam olhando e eu entendo tudo o que ele está falando. Ele falou: "Alcance-me uma água" ou "Acenda um cigarro para mim" e tal, e dei o cigarro para ele. Eles: "Como é que você entende?". Porque o nosso idioma tem cinco dialetos, então ele dá uma variada, mas consigo entender algumas coisas. Falar, falar, até falo. Escrevo. Mas de ser dominante da língua, não. Porque não aprendi. Eu tinha que ter crescido para aprender a falar a língua materna. E, depois, nos mudamos para Kakané-Porã porque não podíamos ficar ali, que era uma reserva biológica. Na época, o prefeito negociou e nos mudamos em dezembro de 2008. Fui uma das primeiras a me mudar e virei uma pessoa meio que automática. Arrumei um serviço, era operadora de caixa e com 45 dias, fui promovida para fiscal de caixa. Capricorniana, como sou, sempre trabalhei bem com o dinheiro. Sempre prestando atenção. Não é? Vendia meu artesanato. E deixei meu artesanato de lado e comecei a trabalhar, investir nessa carreira do proletariado. E quase não parava, minha filha na creche, minha mãe cuidando da minha filha. Também tive um relacionamento breve com o pai dela. E um dia as meninas começaram a falar assim para mim: "Tem um vestibular indígena e tal. Você poderia fazer". Só que eu nem sabia que existia e não queria fazer. A primeira vez que eu fiz, fiquei em oitavo lugar no vestibular. Só que faltava uma disciplina para concluir o Ensino Médio, então, a universidade não me aceitou. Na segunda vez, que eu queria muito, fiquei em décimo oitavo. Fiquei muito triste, falei: "Não conseguirei. Mais um ano que terei que trabalhar e não poderei estudar". E 10 pessoas fizeram o vestibular em outras universidades também, acabou que eles decidiram ir para as outras universidades e sobraram 10 vagas. No caso, 10 pessoas desistiram e eu voltei ao oitavo lugar. Os primeiros colocados sempre escolhem os melhores cursos. Tinha Direito, ninguém tinha pegado Direito aquele ano, mas eu não quis fazer. Fui fazer minha inscrição no dia 21 de março, era uma segunda-feira. Naquele final de semana, anteriormente, a Marielle Franco tinha sido assassinada. Lembro tudo o que tinha acontecido. Eu li sobre ela, conhecia-a de vista, mas não sabia muito da sua história e comecei a admirá-la. Falei: "Farei Sociais porque, na verdade, já estou atuando, mesmo que eu não tenha me dado conta disso". Só que eu tinha medo de entrar na universidade, que eu embranquecesse. E cada vez mais que eu estava, que lia aqueles autores que os professores falavam daquele jeito, sentia uma vontade de bater. Já erguia a mão e já falava assim: "Não, espera aí". E falei: "Não, a universidade não está me afastando do que eu sou", porque eu estava fazendo o caminho da volta, "a universidade está abrindo mais os

meus horizontes para eu me avaliar mais, para ver como é o mundo, porque estou aqui, porque gosto tanto de arte, ressignificar essa história contada". E cá estou tentando terminar a universidade.

**Entrevistadora:** Você falou da sua luta, da luta da sua mãe, a luta de duas mulheres indígenas. E na sua perspectiva, quais foram e quais são ainda as lutas das mulheres Kaingang?

Entrevistada: Acho que a primeira luta de uma mulher Kaingang é poder falar a língua sem sofrer algum preconceito. Se bem que as mulheres Kaingang falam mesmo, se elas são falantes. Mas, é manter essa língua. Acho que a segunda coisa é demarcar nossos territórios. Porque sem os territórios, não conseguimos... Fora do território, conseguimos sobreviver, mas acho que precisamos do nosso território para poder dar continuidade ao que os nossos mais velhos nos ensinaram. Eu visito outras aldeias, as pessoas, converso com a juventude, faço entrevistas e pesquisa. Sou a única que já vou nos mais velhos. Cadê a Camila? Está lá na casa da dona não sei quem, tomando chimarrão, comendo alguma coisa e já perguntando como foi aquela aldeia, como é a história dela. Porque acho que sem os mais velhos não saberemos nossa história e não saberemos para onde caminhar. Então, acho que a luta das mulheres Kaingang é pela demarcação e reconhecimento dos seus territórios. No território, você planta o que irá consumir, o alimento livre de agrotóxicos. Morar perto de um rio, a água é mais pura, o ar, a qualidade de vida é melhor. Acho que tudo é diferente, não é? Tanto é que eu moro na Kakané-Porã. Mas, daqui mais ou menos uns seis anos, não quero mais estar ali em Kakané. Quero estar dentro de um território, qualquer território dentro do Paraná Kaingang, mas não na cidade. Quero atuar dentro de uma aldeia indígena. Já que o não indígena fala urbana e rural, o que para mim isso é... Estamos em contexto urbano, mas não que sejamos urbanos. Porque ninguém fala branco urbano e branco rural. Quero morar dentro de uma aldeia dando aula, realizando algum trabalho. Sei que terão várias oportunidades de eu trabalhar. Já fui, anos atrás, quando a Taís era pequena, convidada para morar em Queimadas. Já fui convidada para morar no Rio das Cobras, que fica em Laranjeiras do Sul. Já fui convidada e estamos conversando sobre isso, eu e meu esposo. "Acho que vamos retornar para Mangueirinha", que é onde ele e minha mãe nasceu. Tenho muita vontade de voltar, apesar de a Kakané ter me ensinado um monte de coisas, ter me acolhido, estou morando ali desde 2008. E desde 2004 lá no Cambuí. É muito tempo, não é?

**Entrevistadora:** Voltando para a temática das mulheres. Quais são as mulheres indígenas que inspiram a sua luta?

Entrevistada: Eu gosto da Pietra Dolamita, que é Apurinã do Acre. Atualmente, ela está na França fazendo doutorado. Ela me manda mensagem todo dia. Foi com ela que conheci a medicina do rapé. O rapé é bem diferente do rapé que a galera *good vibes* toma. O rapé é bem sagrado. Eu a conheci no Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas, nos conectamos e nunca mais paramos de conversar. Também nos encontramos em Brasília. Ela é uma mulher muito forte, bate de frente mesmo, tem aquelas organizações indígenas. Acho que outra mulher que me inspira... A minha mãe também. Porque antes, eu a culpava muito por não ter me ensinado a língua. E um dia uma outra amiga falou assim: "Acho que você não deve culpar sua mãe, porque isso não foi culpa dela, isso foi culpa da colonização". Então, isso também foi tirado dela, não é que ela teve escolha. Na verdade, ela não teve escolha. Naquele momento, era o melhor que ela podia oferecer e você está aí graças a isso, não importa a maneira, mas está aí. Acho que ela também teve uma forma de luta. Eu admiro muito a kujá Iracema. Minha história com ela começa em 2019. Eu a conheci em Brasília. Cheguei lá, estava estressada, muito carregada, muita responsabilidade de levar uma delegação do Paraná, era a primeira vez que eu estava fazendo isso, fui com a cara e a coragem. Cheguei lá e fiquei dois dias procurando-a. Eu ia e ela não estava. Ou quando ela estava, eu tinha saído. Lembro que encontrei umas senhorinhas e falei assim: "A Iracema está acampada aqui? E elas: "Sim, a Iracema está". Falei: "Querida tanto falar com ela porque não estou bem", falei. E tinha uma senhora Kaingang evangélica e ela falou assim: "Você quer que eu faça uma oração para você?". E eu falei: "A senhora não fique triste comigo, não fiquei chateada, mas eu queria falar com a kujá mesmo. Eu queria conversar com ela, conhecê-la". Ela falou: "Ela está acampada ali para o fundo, vá andando que você a acha". E fui andando, quando eu vi, todas as barracas estavam fechadas e só tinha uma barraca aberta. Meio de longe eu fiz assim: "A senhora conhece a kujá Iracema? Estou procurando-a". Ela olhou e falou assim: "Pode entrar, já estava te esperando". Eu entrei, ela fechou a barraca dela e quando saí de lá tinham se passado duas horas. Eu a admiro muito porque chorei, ela rezou. E o jeito que ela rezou para mim, acho que nunca ninguém tinha feito isso. Lembro que ela rezou vértebra por vértebra. A cada vértebra ela fazia uma reza, sabe? E rezou muito em alguns pontos assim... Depois, quando conheci a Umbanda, descobri que onde ela tinha rezado eram os chakras. E falei: "Meu Deus, que mulher". Porque os kujá, nós sabemos, não só nos Kaingang, que a sociedade sempre foi patriarcal, então os caciques sempre foram homens e os

kujá também sempre foram homens. E o pai dela, o Jorge Garcia, era um senhor muito respeitado, de luta, um grande kujá também e acho tão bonito quando eu a vejo, uma mulher toda empoderada e espiritualizada. Lembro que eu tinha levado uma amiga minha que não era indígena. Falei assim: "Tenho uma amiga e quero apresentar para a senhora, queria tanto que a senhora rezasse para ela. E ela disse assim: "Não importa, minha filha. Todos nós somos filhos da Mãe Terra". Ela é muito querida. Eu a entrevistei, estamos terminando de fechar o documentário na Marcha das Mulheres Indígenas. Outra mulher que eu admiro. Meu Deus, não que eu não pratique a etno sororidade. Tem bastantes mulheres que eu admiro, mas gosto de falar acho que das mais marcantes. Admiro muito a Juvina, que é uma mulher de luta, a admiro muito, ela é muito forte e enfrentou a polícia, naquele dia que estávamos no levante. Foi muito forte, eu fiquei desesperada, porque ela ficou do lado de lá e eu fiquei do lado de cá, e a polícia no meio. E ela dizendo: "Calma, calma, calma". Só nós sabemos o que passamos lá. Então, a Juvina é uma mulher que eu admiro "para caramba" também. Admiro a Adriana Ananias, que é professora no território de Mangueirinha. Ela é uma mulher espetacular. Meu Deus. Começarei a falar o nome de todas mulheres Kaingang.

**Entrevistadora:** Como estamos falando de várias mulheres. Para a Camila, não para o povo Kaingang, o que é ser feminista?

Entrevistada: Polêmica. Parece meio clichê isso que falarei, mas não me percebo como feminista. Porque o movimento feminista não foi construído com as mulheres indígenas, então, não me percebo feminista. Mas, se também trago algumas questões de machismo dentro do território ou até nos ambientes que eu ando, então, automaticamente, já estou inserida no feminismo. Mas fazer parte da frente feminista ou me declarar ou me considerar feminista, não. Acho que não, porque, como falei, acho que é um movimento que precisa muito aprender conosco ainda. Principalmente a galera *good vibes*. Nesses tempos apareceu uma: "Passaram o seu contato. Quero oferecer uma dança do fogo para 10 mulheres indígenas". Eu falei para o rapaz que passou: "De onde saiu essa mulher?". Dança do fogo? Para nós? Ele falou: "Eu disse para ela". É um movimento que estamos em aprendizado, não é? Também não posso falar muito com autonomia, porque não conheço a fundo o feminismo. Antigamente, eu participava mais com as feministas, mas agora não. Observo muita coisa que me entristece. Muita coisa, muita coisa mesmo. Principalmente, a esquerda e o feminismo. Claro, não sou da direita, mas acho que a luta das mulheres indígenas é apartidária. Entendeu? A esquerda, o

feminismo diz que é includente, diz que a luta é unificada, mas sabemos que a luta não é unificada. Não é mesmo. Eu fui em um ato e eles me deixaram para falar por último. A partir daquele momento, falei: "Nunca mais virei aqui, ficar aqui andando com esse povo que está 'cagando' para mim. Não irei mesmo". Foi assim, eu cheguei, já tinha um pessoal indígena lá. Eu cheguei e alguém falou para mim: "Companheira, sobe lá em cima e vá falar, porque você fala muito bem". Eu falei: "Não preciso falar bem, mas desde que as pessoas me ouçam o que eu quero falar". Escureceu e falei: "Gente, já são 20h, vou embora, estou com essa criança aqui, pegarei o Uber e vou embora. Nem tem ônibus, senão chegarei às 22h em casa". E a hora que eu estava saindo, que peguei na mão do neném, eles chamaram meu nome. Voltei lá e fiz assim com o dedo, que não iria. E vim para casa. E falei que daquele dia em diante eu não iria mais participar da luta, apesar de ser filiada ao Partido dos Trabalhadores. Porque eu nem sou ativa mesmo no partido, as pessoas nem me convidam mesmo e não me chamam mesmo. Nem sei se elas sabem que eu sou filiada. Mas teve um dia que me filiei. Quem pediu para eu me filiar e assinou a minha filiação foi a Gleise Hoffmann. Ela falou que era importante ter uma mulher indígena dentro do partido, até mesmo para quebrar essas questões. "Vocês deixaram para falar uma mulher indígena por último. Então, se para vocês não é importante isso, também não é importante que eu esteja lá, porque se estiver lá e não tiver voz...". É a mesma coisa que eu falo do artesanato: "Vamos expor o artesanato. Sim, mas se eu não tiver 5 minutos para falar alguma coisa, então eu prefiro nem ir". Para desconstruir aquele espaço. Na verdade, para desconstruir não, aprendi com a Pietra a não falar mais isso. Para destruir. Para destruir essas falas colonizadoras. Porque se for para desconstruir, acho que não funciona muito. E eu falei: "Pois é. Vocês ficam falando que a luta é unificada, unificada, unificada, mas a luta não é unificada. Vocês estavam brigando no carro de som do sindicato, quem que iria falar mais. Entre vocês. E eu observei isso. A classe trabalhadora é muito importante, mas se não tiver planeta, não terá classe trabalhadora. Se vocês não estão preocupados com o planeta, não posso fazer nada".

**Entrevistadora:** Você falou bastante sobre este assunto, mas gostaria que desse ênfase, o que é ser uma mulher indígena Kaingang?

Entrevistada: Apesar de eu ser uma pessoa que me imponho, que falo mesmo. Até um amigo meu já falou isso, temos muito isso das Ciências Sociais, de provocar a pessoa a pensar. Às vezes as pessoas pensam que o cientista social está atacando, mas não é. Estamos induzindo-o a pensar, a se

questionar. O porquê daquilo, o porquê de estar ali. Por eu ser assim, bater de frente, percebo que comigo, se há alguma coisa de preconceito, de negativa assim, não é velada, não é escancarada. Eu tenho que ficar prestando atenção, tenho que estar atenta a todo momento nesses detalhes. Que é o que já falei, na universidade... Tanto é que pensei que isso não me abalaria tanto e me abalou, na minha graduação. Desde que voltaram às aulas presenciais, eu não consigo pisar na Reitoria, não consigo. Peguei, com o perdão da palavra, mas peguei asco daquele pessoal. Vejo o jeito que eles me olham quando eu entro. Quando piso no pátio da Reitoria, eles olham assim, parece que estou lendo a mente deles: "Lá vem vindo a indígena". Tipo isso, sabe? "Olha a mulher dos brincos, das penas". Hoje saí correndo, estou sem brinco, mas sempre uso. As pessoas: "Irá se adornar". Não, estou sempre daquele jeitão mesmo. Comecei a perceber isso, as pessoas não conversam. E eu acho que são coisas mínimas assim, não é? Por isso, que eu mudei de curso, de campus, assim... Escolhi uma disciplina no outro campus, para ver se eu conseguia voltar a estudar, olhar nas pessoas, encarar as pessoas e nessa disciplina Psicologia de Educação, sou a única de Ciências Sociais. Tem a galera de Música, tem uma pessoa de Matemática... É uma disciplina bem gostosa de fazer. Eu não queria mais encarar a Reitoria. Eu achei que isso não ia me marcar tanto, mas, infelizmente, quando estou na Reitoria eu almoço sozinha, ando sozinha, não tenho amigos dentro da Universidade. Porque os amigos que eu tinha dentro da Universidade foram só os do primeiro ano, quando éramos calouros. Depois, cada um foi para um lado e todo mundo ficou "desperiodizado", veio a pandemia e nunca mais ninguém se falou. Só tem uma amiga que vai na minha casa. Assim, eu não tenho amigos na Universidade. A minha amiga, que eu tinha, também mudou de curso, porque não aguentou "sociais" ser desse jeito nojento. Pensamos que era um curso tranquilo - ele é tranquilo, me acolheu no primeiro ano, mas no segundo, eu senti um baque enorme, que é o episódio que sempre falo: todo mundo queria fazer trabalho de Antropologia, mas Estatística ninguém queria fazer comigo. Quer dizer, para estatística você é burra. Eu passei por um momento bem de estresse, de professores falarem assim: "Tá, mas você não veio à aula por quê? Você devia ter conversado comigo, você devia ter me mandado um e-mail, você devia ter...". Daí eu nem discuti mais, eu só fui lá e cancelei. Eu falei: "Quer saber? Nem vale a pena eu ficar me explicando para o professor e ficar falando: olha, eu não estava bem, eu passei por um momento de depressão, eu não consegui levantar da cama". A pessoa não vai entender. Eu falei: "Nem adianta eu explicar isso para eles, melhor eu ficar só com uma disciplina, para não perder o vínculo mesmo com a universidade." E também, não é só não perder o vínculo, é não perder o vínculo comigo mesma. Assim, é ter força, tirar força, para eu poder tomar gosto pelo curso de novo, porque querendo ou

não, estou no 6º período. São 9 períodos, faltam 3 períodos. Fora o TCC, mas parece que, quanto mais vai chegando, mais longe vai ficando, é uma sensação de impotência. Eu quero terminar, porque todo mundo fica em volta de você: “porque você é uma mulher indígena, você é uma mulher ‘foda’, você tem que terminar.”. Não, eu não tenho que nada, entendeu? Só que todo mundo cobra. Minha mãe cobra, meu marido cobra, meus amigos cobram, meus professores cobram... Todo mundo cobra. É uma pressão.

**Entrevistadora:** Você poderia comentar um pouquinho das diversas exposições que participou. Falar sobre a Camila na arte, ocupando os espaços dos museus, estes lugares tradicionalmente eurocêntricos.

Entrevistada: Eu lembro que sempre gostei de fazer artesanato e de comercializar o artesanato, mas também sempre falei para as pessoas que não temos obrigação de produzir arte para as pessoas: "Olha esse é um artista". São coisas que aconteceram conseqüentemente ali. Como eu sempre falo, já fazíamos nossos adornos e os Kaingangs sempre gostaram de fazer a cestaria, para se colher o que se plantava. São coisas que fomos fazendo, mas para usarmos mesmo, para nosso uso e as pessoas que moravam em volta da aldeia começaram a se interessar, trocar e depois monetizar, começaram a comprar esses artesanatos. Eu fui convidada pelo Gustavo Caboco. Conheci ele no dia 31 de janeiro - que era o Janeiro Vermelho. Estávamos fazendo um ato na frente do prédio histórico da UFPR e o conheci lá. Eu já tinha ouvido falar dele, mas não o conhecia pessoalmente. E conversamos algumas coisas ali, ele estava com uma exposição com o Jaider Esbell, "Netos de Makunaíma". Até uma pessoa que estava à frente não conversava muito comigo, uma professora, por uma questão de projetos. Ela me queria no projeto, como demorou muito para sair o edital do projeto dela, eu acabei indo para o projeto, nesse que eu estou até hoje, que é o "Ecologia dos Saberes", que ela queria que eu sáísse e entrasse, para esse PET Indígena. Eu não quis, porque não ia sair de um projeto que estava bem acolhida, feliz, quando eu estava querendo desistir da universidade. Ela nunca mais falou comigo, nem me convidou. O Gustavo me convidou para eu expor meus artesanatos, mas não me falou enquanto artista, mas para eu expor e dar uma olhada, para eu sentir o que era. E lembro que naquele dia o Jaider Esbell falou para mim: “Olha, eu acho que você tem que começar a se olhar mais como artista, porque eu acho bonito isso”. O Gustavo também complementou – “Se dê essa chance para você.” A Ju Kerexu traz a arte como algo da identidade, eu trago como algo visual ou algo para quebrar barreiras, você traz algo como política. Ele falou assim: "Eu ouvi uma vez você falando assim, em algum lugar.

Eu assisti você falando que o artesanato é um meio de resistência, de subsistência, de existência, de retomada, acho bonito como você traz isso, o jeito que você fala do artesanato, como isso é importante para você”. E eles falaram assim: “Se perceba mais como artista”. Mas eu participei ali do Netos de Makunaimi. A professora chegou, não tinha me convidado, mas o Gustavo que tinha me convidado, desculpa, eu era amiga dele, era não, sou amiga dele, inclusive hoje ele me mandou uma mensagem. E fiquei ali. A Ju Kerexu estava ali, ficamos ali juntos e tal. Depois surgiu o convite dele para criarmos algumas coisas e a nossa exposição foi para a Pinacoteca de São Paulo, que é o “Véxoa: Nós sabemos”, pela curadoria da Naine Terena. Eu falei: “Meu Deus, onde estamos chegando”, pensei comigo. E depois conseguimos, depois de um ano, conseguimos vender as obras para a própria Pinacoteca, porque temos que nos valorizar, não é? Não vamos, assim, doar o acervo, para fazer parte do acervo deles. Porque dessa forma não quebramos nada ali dentro, não é? Não, porque tem pessoas que, às vezes, podem usar isso que eu estou falando para dizer assim: “ah, então vocês gostam de dinheiro...”. Você me entendeu, não é? O que eu estou falando. Quando as pessoas falam assim: “eu sou de uma rede particular e está chegando abril e novembro, e eu queria que você fosse lá dar uma palestra para nós e tal... E aí o que você acha?” E eu digo assim: “Meu pró-labore é 180 reais.” Eu sempre falo isso e sempre levo meus artesanatos para vender e tal. Mas assim, tem que ver a idade, quantas pessoas, do que vamos falar, fazer um planejamento. Por que eu cobro? Porque eu vou ter que me deslocar, não é? Eu vou ter de fazer um planejamento do que vou falar, vou dedicar o meu tempo, vou ter de arrumar meus horários. Em casa a mesma coisa, vou disponibilizar do meu tempo, dos meus planejamentos, da minha rede de *internet*, da minha rede de luz, tudo isso, não é? E, às vezes, as pessoas ficam meio assim: “ah, mas será que é isso e tal?”. Depois disso, do “Véxoa”, surgiu um convite do MUPA para fazerem um reconhecimento, uma retomada, o Gustavo Caboco e o Denilson Baniwa. O Gustavo falou: “Denilson do Amazonas, eu de Roraima, poxa, vou estar aqui, no território da Camila e não vou chamar a Camila? ” Não, mas nem por isso, acho que vamos retomando. Ele me convidou, eu convidei a Mara Xetá e convidamos a Juliana Kerexu também. Na verdade, não era uma exposição de arte, isso foi uma consequência, porque fomos chamados para fazer o reconhecimento do acervo e eu chamei a minha mãe e a minha filha também, olhamos todas as fotos que tinham, reconhecemos muitas fotos de lá, sabe. Resignificamos aquelas fotos e foi surgindo aquelas coisas, eles foram trazendo telas, um monte de coisa e fomos fazendo, fazendo. Agora estamos lá em negociação, porque terminou a exposição, eles guardaram nosso material e a luta do Gustavo é o quê? Nós temos direito sobre as obras, não é? Podemos pegar, montar uma exposição e expor em qualquer museu que quisermos, para

trabalho. Mas, o museu quer muito e não vamos doar para o acervo. Ele e o Denilson estão em uma fase de negociação, porque eles falam que não conseguiram ainda, que estão angariando verba e tal, o Museu Paranaense é assim, mas já postergaram três vezes. Disseram que iam dar resposta tal dia, depois tal dia e depois tal dia e eles sempre dizendo assim: “mais uma vez estão nos enrolando, mais uma semana.” Eu disse: “não, mas é bom, se está demorando é porque vai dar bom. Vamos esperar, vamos ver a proposta que eles têm para fazer”. Porque daí vai fazer parte do acervo mesmo, eles querem deixar fixo lá no museu. E acho que é isso, assim, os trabalhos vão surgindo. A Pietra fala assim: “Camila, às vezes dá vontade de te dar uns petelecos Porque você mesma não acredita em você, mas um dia você vai ser uma grande artista e você vai ser conhecida no mundo inteiro, vai vir aqui para França, comigo”. Eu: “ah, Pietra, mas eu não quero ser reconhecida não, dando para comprar o leite das crianças já está ótimo.” E acho que é um trabalho, aí as pessoas vão nos vendo, porque pensamos que não estamos sendo observados, mas ficamos bem exposto, principalmente nas redes e uma pessoa vai chamando a outra. Essa semana, eu dei aula em uma escola particular para duas turmas, uma de oitavo e uma de nono. Eles já querem marcar a volta para eu dar a oficina. Em abril, já estamos vendo, eu fui lá no MUPA, porque me chamaram de novo. E agora em abril, dia 19 e 26, vou dar quatro oficinas para as crianças, porque agora eles estão fazendo visitas monitoradas no museu. Eu já fui olhar o espaço e falta mandar a lista de materiais. Eles queriam que eu desse uma oficina de cestaria, mas a cestaria é meio complicada, porque até adulto não consegue aprender muito, tem o lance de destalar a taquara, tem que tingir, fazer os macinhos tudo certo, assim, em um dia não dá, são vários dias. Eu falei assim: “eu acho que a gente tem de dar uma oficina de uma coisa mais fácil, porque a criança faz, aprende e leva para a casa. Vamos tentar fazer a de filtro dos sonhos que é o mais fácil e eu trago o cipó, trago ele cru para mostrar”. E daí já trago meio seco e ensino elas a fazerem a guirlanda, dar a voltinha, trago uns feitos já e passo o fio ali, coloco o açaí, elas escolhem a cor da pena. E não é um bicho de sete cabeças. É uma coisa mais fácil. E vamos ver. Dia 19, eu vou para Brasília, porque estou como uma das colaboradoras da Arpin-Sul. Estão tentando conseguir com a APIB, com os colaboradores, mais umas verbas para poder pagar as pessoas, mas de início eles vão custear alimentação, a ida e a volta, mas vou com a delegação, porque esse ano eu falei que não ia me estressar com isso, as meninas do coletivo arrumaram tudo. Me incluíram, aproveito e vou vender artesanato. Estou com bastante chapéu lá em casa e Brasília é super quente. Vou vender muito bem, tenho bastante camiseta, também vou vender bastante.

**Entrevistadora:** Para finalizar, como as mulheres não indígenas podem contribuir com a luta das mulheres indígenas?

Entrevistada: Eu acho que é consumindo mais coisas indígenas. Lendo mais autores indígenas, pesquisando mais sobre indígenas, acho que se puder, agora, já que essa Covid deu uma aliviada, fazer uma vivência, não precisa de nenhum ritual, mas apenas passar um dia na aldeia. Seguir as pessoas indígenas, artistas, professores nas redes sociais. Quem está dentro das universidades, dentre os professores, também proporciona esses momentos, essas rodas de diálogos, esses encontros, se não puder, esses encontros virtuais, trazendo pautas mais de retomada mesmo, de educação, principalmente de educação. Porque no núcleo não se fala muito em educação escolar indígena. Fala-se dentro do Estado - pelo menos aqui no Paraná, dentro das aldeias, que tem as capacitações, têm os cursos, tudo isso. Mas eu acho que é necessário abordar mais esses temas, assim, se aproximar de verdade, não é? Não só fazer um *repost* de um *post* que você achou legal, porque é colorido e bonito, tem uma frase legal e não viver isso. Ter amigos indígenas, seguir pessoas indígenas, acho que é a primeira coisa (risos). Depois de começar a procurar os autores, tem bastante pessoas que escrevem. As pessoas gostam muito do Krenak, não é? Gostam muito ...eu não tinha conhecido o povo Krenak, eu só conhecia o Ailton Krenak. Mas, eu não tinha visto o povo. Ir para Brasília, nesses movimentos é que nem eu falo, acho que é o que me mantém viva, porque só dentro da universidade, eu acho que eu morro, tenho de estar lá no meio do povo. E conheci a dança deles, o jeito que eles se adornam, as pinturas, eu fiquei maravilhada, porque você conhece todos os povos. Você fica "Meu Deus, meu Deus". Quero tirar fotos de todo mundo. Acho que é isso, poder participar desses movimentos, quem puder. E tirar essa posição de utilitarista ou de assistencialista, não é? Que é o que me incomoda. "Ah, eu sou branco, vim salvar os indiozinhos". Tipo isso, não é? "Ah, eu tenho isso, quero te dar muito e vai lá e tira uma foto entregando a blusa". É bem...eu acho que é nos tratar humanamente. Somos humanos, somos indígenas, acho que é isso.

**Entrevistadora:** O Brasil é um país formado por diferentes culturas, mas ao longo de séculos o eurocentrismo tem permeado os diferentes espaços culturais e de ensino. Camila MigSá apresenta nesta entrevista várias questões para pensarmos, convida os não indígenas a conhecer outras histórias, olhar o mundo por outras perspectivas e a lutar junto como os povos indígenas pela demarcação de terras,

pois são eles/as que preservam a natureza, então, esta luta é nossa, já que habitamos o mesmo planeta, a mãe Terra.

## REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Disponível em: <https://apiboficial.org/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BIBLIOTECA AILTON KRENAK. Disponível em: <https://www.notion.so/Biblioteca-do-Ailton-Krenak-cd46ab5c7c4448ffb3111f3c9ef833d9>. Acesso em: 25 fev. 2023.

GUSTAVO CABOCO. Disponível em: <http://caboco.tv/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

JAIDER ESBELL. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MUSA UFPR. **Netos de Makunaimi**: encontros de arte indígena contemporânea. Curitiba: 2019. Disponível em: [http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2019/2019\\_Makunaimi.html](http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2019/2019_Makunaimi.html). Acesso em: 20 fev. 2023.

MUSEU PARANAENSE. **Retomada da Imagem**. Curitiba: 2021. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Noticia/Resistencia-e-afetos-dao-o-tom-de-exposicao-que-reescreve-antigas-fotografias-indigenas>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MUSEU PARANAENSE. **Mejtere**: histórias recontadas. Curitiba: 2023. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Noticia/Museu-Paranaense-inaugura-mostra-resultado-de-curadoria-compartilhada-com-bolsistas>. Acesso em: 28 fev. de 2023.

PEITA. **Histórias de mulheres invisíveis aos olhos coloniais**: lute como uma garota Kaingang - Camila dos Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/B4fskcsHBRO/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PINACOTECA. **Véxoa**: Nós sabemos. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/vexoa-nos-sabemos/>. Acesso em: 12 fev. de 2023.

*Data de submissão: 28/02/2023*

*Data de aprovação: 04/05/2023*